

Literatura como subversão - influências da literatura para a formação da conduta feminina a partir da obra A Bela e a Fera de Madame de Villeneuve

Maria Teresa Santos Correia Lacerda ¹

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade investigar a versão original do conto A Bela e a Fera escrita por Gabrielle- Suzanne Barbot de Villeneuve, mais conhecida como Madame de Villeneuve, publicada no livro La Jeune Américaine, ou Les Contes Marins em 1740. O enredo da obra contribui para uma reflexão acerca do matrimônio durante a modernidade, ao passo em que desconstrói o papel das mulheres como submissas e passivas no que tange às relações de poder, dominadas pelo patriarcado aristocrático e burguês do século XVIII. A chave de compreensão de leitura desta pesquisa baseia-se então, no discernimento das ideologias que influenciam o alcance e os objetivos das publicações literárias de contos, anteriormente transmitidos oralmente, que agora escritos, buscam moldar valores e costumes sociais. Analisa-se também a produção de contos de fadas escritos por mulheres e suas projeções e perspectivas presentes em suas narrativas.

Palavras-chave: A Bela e a Fera, Matrimônio, Contos de fadas, Mulheres, Madame de Villeneuve

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas publicados na França entre os séculos XVII e XVIII consistem em um longo processo de personificação e adaptação para a prosa de histórias orais transmitidas nas sociedades europeias. Ao serem traduzidos e reescritos em outros países muitos contos perdiam sua legitimidade criadora, pois, não eram identificados seus autores, visto que as edições visavam preparar conteúdos úteis à educação infantil, ao mesmo tempo em que guiava as crianças nos caminhos “virtuosos” do bem, de acordo com os costumes e práticas recorrentes de seu período.

No Brasil, somente no século XXI é que o leitor será apresentado ao autor em prefácios, textos de apresentação e comentários que descrevem a vida e obra dos escritores dos contos. No entanto, por meio da reescrita, ocorre também a ressignificação de ideologias e simbolismos, que tornam seus reescritores tão

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mariateresa22816@gmail.com

importantes como seus escritores, no que diz respeito à sua recepção pelos leitores populares.

Partindo deste pressuposto, o que determinaria o sucesso de uma obra não seriam somente os gastos investidos em sua publicação ou o nome de seu autor, mas sim uma série de costumes, práticas, ideologias e poder, que remetem às instituições envolvidas no processo criador, e levariam a canonização de ideias e normas de conduta que podem ser aceitas por seus respectivos leitores. Nesta pesquisa estuda-se, a versão da obra *A Bela e a Fera*, de Madame de Villeneuve, cuja primeira publicação é datada de 1740, na França. O conto original transige a caracterização da personagem Bela por meio dos aspectos necessários para a construção do ideal de “boas esposas” repletas de virtudes, porém, não omite os anseios e nem o ativismo de ideias da jovem, que durante a primeira parte do conto, luta pelo seu direito de permanecer solteira ao recusar dividir o leito com a Fera.

DESENVOLVIMENTO

A literatura europeia recebe um novo olhar a partir do século XVIII, quando ocorre a inserção de um novo gênero narrativo em seu cenário, até então, predominado por homens membros das mais altas camadas sociais. As mulheres introduzem às obras já existentes, uma perspectiva nova sobre os costumes, as leis, as crenças, as tradições e como estas eram assimiladas no campo da vida privada. Neste primeiro capítulo, analiso um pouco sobre a vida e as obras das seguintes autoras: Gabrielle-Suzanne Barbot (Madame de Villeneuve) e Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, e como as versões do conto *A Bela e a Fera* influenciaram as mulheres dos séculos XVIII e XIX, levando-as a expressarem seus direitos e lutarem pelos seus ideais, principalmente no que diz respeito ao matrimônio e à libertação das condutas patriarcais, referentes ao período histórico em que foram elaboradas e publicadas.

Nasce em Paris, em 1685, a autora da versão original do conto *A Bela e a Fera*. Gabrielle-Suzanne Barbot casou-se aos vinte e um anos de idade com o militar Jean-Baptiste de Gaalon de Barzay, mais conhecido como senhor de Villeneuve, compondo, então, parte da aristocracia da cidade de Poitou e assinando o nome de Madame de Villeneuve. Em 1711, Jean-Baptiste falece, deixando a família em grandes dificuldades

financeiras, sendo necessária a mudança de Gabrielle para Paris, onde se dedicou à escrita.²

As fontes documentais existentes acerca da vida e obra de Madame de Villeneuve não passam, porém, de apontamentos, que descrevem sobre suas dificuldades financeiras e matrimoniais. Gabrielle-Suzanne descendia da família dos Barbot, protestantes da comuna de La Rochelle. Seu casamento foi conturbado e, segundo relatos existentes, seis meses após sua união, ela havia pedido a partilha dos bens, uma vez que seu marido já tinha consumido ambos os dotes. Os Villeneuve tiveram uma filha, Marie Louise Suzanne, porém, não há registros de que tenha sobrevivido até a vida adulta.³

Já no ano de 1734, Gabrielle-Suzanne Barbot se envolve com o dramaturgo e censor literário do rei Luís XV ao publicar seu livro, *Le Phoenix conjugal*. Seu romance com Crébillon durou até o ano de 1755, quando a autora veio a falecer. Em 1740, Madame de Villeneuve publicou o conto de fadas *A Bela e a Fera*, na coletânea *La Jeune américaine*.⁴ Quatro anos mais tarde, anunciou a publicação de outro livro *Contes de cette année*, e, em 1745, lançou *Les Belles solitaires*. Seu romance mais famoso é propagado em 1753, com o nome de *La jardinière de Vincennes*. Este obteve quinze reproduções até o ano de 1800. Cerca de um ano mais tarde, a autora veiculou *Le Juge prévenu* e, em 1755, faleceu aos 60 anos de idade.

Madame de Villeneuve seguiu a linha dos contos de fadas escritos por Charles Perrault e Madame D'Alunoy. Suas obras criticavam a estrutura hierárquica de arranjos matrimoniais de jovens de catorze anos casadas com homens décadas mais velhos. Segundo Rodrigo Lacerda:

“Seu enredo para a Bela e a Fera criticava de forma alegórica, o sistema matrimonial então vigente, no qual jovens donzelas de quatorze e quinze anos eram casadas contra a sua vontade, com homens as vezes décadas mais velhos, sem poder recusar-lhes seu corpo ou o controle sobre seus bens e sem o direito de se divorciar.”⁵

Pode-se perceber como os contos de fadas escritos por mulheres, por meio de condutas moralizantes, introduziam a literatura a uma íntima aspiração a melhores

² LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

³ Ibidem

⁴ LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. pp. 22

⁵ LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. pp. 22

condições de vida, nas quais o matrimônio seria um elo de união, igualdade, respeito e amor, denunciando, então, a realidade escondida por trás de arranjos que almejavam ascensão social e econômica.

A versão mais popular da obra *A Bela e a Fera* data de 1756 sobre a transcrição de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont para uma revista, cujo direcionamento era a educação formal de moças, intitulada, *Magasin des Enfants*. A autora nasceu em 1711, em Rouen, em uma família de classe média. Aos quatorze anos iniciou um ensino preparatório para freiras, no qual educava moças mais jovens e, em 1735, desistiu da carreira eclesiástica e foi viver com seu pai, sendo cogitada para o trabalho de dama de companhia e professora de música de Élisabeth- Thérèse na comuna de Lunéville (região da Lorena) por dois anos. Seu trabalho na corte austro-francesa, lhe possibilitou o contato com inúmeros intelectuais, dentre os quais estão Voltaire, Émilie du Châtelet, Françoise de Graffigny, Madame de La Fayette, Madame de Tencin e Christine de Pizan.

No ano de 1743, casou-se com Antoine Grimard de Beaumont do qual herdou o sobrenome, no entanto, permaneceu com Antoine até o ano de 1745, existindo diversos relatos amorosos da escritora com outros homens, constando inclusive que possuiu uma vida de cortesã durante o período em que trabalhou na corte francesa. Em 1748, publicou *Le Triomphe de la vérité, ou Mémoires de M. de La Villete* e no mesmo ano direcionou sua filha Elisabeth a um internato e mudou-se para Londres, onde trabalhou como preceptora de crianças e de jovens aristocratas.

Madame de Beaumont fundou em 1750 o periódico mensal francês *Le Nouveau Magasin Français*, ao que tudo indica com o apoio do autor de *Robinson Crusoe*, Daniel Defoe. A revista chegou a publicar cerca de quarenta números até 1780. Com finalidade pedagógica, publicava narrativas que pregavam valores morais e éticos, além de textos científicos e pedagógicos. Contudo, sua linha de pesquisa combinava princípios do iluminismo pedagógico com uma forte moral cristã, o que deriva, provavelmente, do tempo em que viveu no convento e de seu trabalho como educadora de princípios morais para jovens moças e membros da aristocracia.

No ano de 1756, Madame de Beaumont publicou no *Magasin Enfants* a versão clássica do conto *A Bela e a Fera* que já havia se popularizado em meio às histórias contadas por governantas a crianças em processo de escolarização. Em 1762 a escritora retornou a França com a filha e abriu um pensionato para meninas da elite e em 1779

escreveu seu último livro *La Dévotion éclairée*. A autora faleceu com 69 anos em Chavanod e deixou cerca de setenta obras publicadas.⁶

A contradição entre os relatos acadêmicos do papel social da mulher durante o século XVIII que ora é retratada como um sujeito passivo ao poder político e social patriarcal, ora como prostitutas manipuladoras das relações políticas e familiares, levantam uma série de questionamentos a cerca de tal século e de suas manifestações artístico-literárias, no que diz respeito ao lugar social das mulheres. As representações históricas de mulheres reféns do patriarcalismo simbolizam sujeitos impossibilitados de opinar nas decisões públicas e privadas, principalmente no que diz respeito aos arranjos matrimoniais que correspondiam à tradução do poder político do homem, tanto o pai, quanto o marido nas questões sociais. De acordo com Rodrigues Roosenbenrg:

“Ainda dentro deste sistema patriarcal, desenvolveu-se o costume da primogenitura, em que o filho mais velho herdava todas as terras do pai. (...) No caso das meninas, na maioria das vezes elas eram encaminhadas aos conventos, onde aprendiam a ler, cantar, escrever e bordar, enquanto não se casassem. Caso ficassem solteiras, a família deixaria um dote em dinheiro, escravos ou outros bens, que seriam entregue ao convento que conduziria a jovem à vida religiosa.”⁷

Ao enfatizar o “lugar social da mulher” no século XIX, Gabrielle Houbre⁸ destaca a importância de características como a castidade, a beleza, a inocência e o silêncio para a constituição de uma mulher admirável no cenário desse período. O romance logo é considerado o gênero literário proibido para as moças donzelas, que, ao entrar em contato com tais obras, corrompem sua formação em meio às decepções amorosas e as emoções propostas por eles. É também notório lembrar, que os romances apresentavam-se nocivos para a ordem social por conceder liberdade aos sonhos e desejos das jovens, permitindo-as contestarem a vontade dos pais com relação aos arranjos matrimoniais, ao frisar a importância de estar com quem se ama.

A literatura é mais uma vez discutida como formadora de conduta moral, sendo sua escolha fundamental para a constituição de mulheres do lar, que se responsabilizam por cuidarem da casa, dos filhos e do marido, ou de jovens que lutam por sonhos reprimidos pela ordem social. As mães e alguns membros do clero possuíam

⁶ LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

⁷ ALVES, Rodrigues Roosenbenrg. *Família Patriarcal e Nuclear: conceitos, características e transformações*. UFG/UCG, Goiania. 2009, pg.3.

⁸ HOUBRE, Gabrielle. *Como a literatura chega às jovens. - França, primeira metade do século. XIX*. In Tempo. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. - Vol. 5, n.º 9, Jul. 2000 - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

certo controle sobre as leituras realizadas ao selecionar as “melhores” obras para legitimar a inocência e a pureza dos jovens, ou seja, o que se pretendia formar.

Além disso, a literatura tem um importante papel entre os séculos XVIII e XIX para a transformação dos laços matrimoniais ao denunciar o caráter mercantil dos casamentos. Forma-se então um novo olhar para as leituras, que levam, junto a outros fatores, como as transformações políticas e econômicas das sociedades até então vigentes, ao abandono dos arranjos por dotes e interesses familiares. Tais denúncias podem ser percebidas em *Orgulho e Preconceito*⁹, que delata o esquema de arranjos por dotes, ao relatar a paixão entre pessoas de diferentes classes sociais e o preconceito vivenciado pelo casal.

“As autoridades educacionais, inquietas por dominar o mundo interior das moças, utilizam, então, uma literatura pedagógica e ideologizada para se contrapor aos supostos efeitos perniciosos, maléficos, das obras romanescas – de tom romântico ou pseudo-romântico – proibidas. É todavia difícil avaliar a eficácia desse dispositivo sobre as jovens indubitavelmente sensíveis a escapatórias afetivas virtuais oferecidas pela literatura proibida.”¹⁰

Para a autora Silvia Liebel,¹¹ recursos midiáticos, como jornais, televisão e redes sociais, abordam de maneira complexa as lutas emancipacionistas das mulheres, por meio de crimes e mazelas que produzem a crença por parte das massas, do fracasso e da incapacidade feminina de conquistar e controlar os rumos de sua própria vida sem levar à desordem e ao caos social.

Ao trabalhar com os índices de infanticídio retratados nos *canards*, Liebel coloca em pauta os motivos que levavam as mulheres a esconderem a gravidez, sendo estas prejudiciais à imagem da mulher, que após o surgimento da barriga e nascimento do filho estaria impossibilitada de se casar ou de se apresentar à sociedade da Idade Moderna como pura e inocente, conforme demandavam os padrões da época que levariam a sua adesão social. O estereótipo forjado socialmente em torno das mulheres, também as colocavam como “vilãs” dos mais diversos livros e narrativas, quando estas

⁹ AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito* (Tradução e notas Marcella Furtado). São Paulo: Editora Landmark, 2012.

¹⁰ HOUBRE, Gabrielle. “*Como a literatura chega as jovens*”. - *França, primeira metade do século. XIX*. In Tempo. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. - Vol. 5, n.º 9, Jul. 2000 - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. Pg. 39

¹¹ LIEBEL, Silvia. *Ingratas e pérfidas Medeias! Infanticídio e normatização da sexualidade feminina na literatura de rua francesa dos séculos XVI e XVII*. Topoi .Rio J. 2015, vol.16, n.30, pp.182-202.

não correspondiam a tais valores, nas quais a razão das tragédias sociais se originava pela personificação do pecado e tentação, a própria mulher.

Seguindo a linha de pensamento de Gabrielle Houbre, Maria José Moutinho, em seu artigo “Perspectivas sobre a situação da mulher no século XVIII”, aborda a redução dos feitos das mulheres ao longo dos séculos, que são representadas e diminuídas por duas funções específicas: o matrimônio e a maternidade. Para a autora, a abertura para a inserção da mulher no espaço acadêmico se dá aos poucos, mas mesmo assim de maneira muito limitada, uma vez que era necessário se instruir e participar das discussões políticas para que pudesse essa, ser útil como mentora educacional de seus filhos em seus primeiros anos de vida, entreter seus maridos em horários de tédio e animar os salões.

A análise da importância das leituras realizadas no lazer pelas moças dos séculos XVIII e XIX expressa liberdade em meio às doutrinas sociais que as aprisionavam nos estereótipos de boas esposas. A literatura simbolizava uma válvula de escape para os pressupostos culturais estabelecidos a este gênero, pois, ao configurar protagonistas imponentes, que sabem expressar seus sentimentos sem se fixar aos padrões de conduta moral, lhes permitem o poder da escolha, permitido às personagens femininas por meio de suas autoras assim como a sua influência e recepção sobre os seus leitores, que na maioria das vezes, buscavam nas leituras um lugar de refúgio e libertação de seus interesses reprimidos. Logo as obras literárias lidas durante a Idade Moderna, representam fontes importantes para o estudo das mulheres e de suas constantes lutas em favor da igualdade de direitos e libertação dos corpos.

Partindo dessa premissa, podemos compreender que a literatura é de fundamental importância para a emancipação das mulheres. A transformação dos conteúdos de formação moral, como personagens femininas de vozes ativas, nos leva a crer que, mesmo com o intuito pedagógico, algumas obras literárias conseguem influenciar seus leitores a expressarem seus desejos e sonhos, conquistando cada vez mais sua independência, principalmente em termos comuns, como na escolha de seus maridos, no divórcio e na aquisição de reconhecimento social.

A obra *A Bela e a Fera* compõe a lista de produções literárias integradas em sua autoria e enredo por protagonistas femininas. O conto tem sua origem trajada em dois

períodos históricos distintos, porém próximos, na França durante o século XVIII. Sua primeira versão foi composta por Madame de Villeneuve, como citado anteriormente, em 1740, para a coletânea *La Jeune américaine*. Era uma versão mais extensa, contendo inúmeros personagens e tramas secundárias que dialogavam com a perspectiva central: uma jovem moça que se sacrifica por seu pai, tomando seu lugar em um castelo guardado por uma fera, algoz pelo qual acaba se apaixonando. Já a segunda versão da obra é produzida em 1756, por Madame de Beaumont, no periódico *Magasin des Enfants*. Sua versão mais resumida se consagra na literatura infantil, alcançando lugar no campo da educação infanto-juvenil de jovens moças e posteriormente, no século XX, ganha destaque nas produções cinematográficas da Disney.

A versão de Madame de Beaumont foi elaborada dezesseis anos após a publicação da obra original de Madame de Villeneuve, escrita em 1740. Seu conto baseou-se no enredo original que já havia se popularizado nas escolas que visavam à educação de moças da nobreza. Na primeira edição, publicada pela editora Zahar, em 2016, a diferença de paginação entre as duas versões são de 149 páginas, incluindo as ilustrações forjadas por Walter Crane e outros ilustradores que publicaram suas artes nas revistas em que foram lançadas as histórias.¹² Além disso, sua forma popular abrange menos detalhes em relação ao casamento e aos antecedentes familiares e pessoais da Fera, sendo claramente dirigida ao público infantil e escolar, uma vez que a versão original, de Madame de Villeneuve, compara-se a um romance, em sua extensão e riqueza de detalhes, tornando-se público alvo de adultos e moças que estariam prestes a se casar.

Dentre os antecedentes literários de *A Bela e a Fera*, o tema “amantes animais” e sua redenção à beleza do amor e da bondade caracterizam um subgênero específico denominado pelos ingleses de *bridegrooms* (noivos animais). Destes romances, podemos destacar as seguintes produções: o conto “Cupido e Psiquê”, do escritor romano Lúcio Apuleio, em seu livro “O asno de ouro”, ou “Onze livros de metamorfose”, “Chonguita, a esposa macaco”, “A noiva cachorro”, “O noivo da rã”,

¹² LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

“A leste do Sol, a oeste da Lua”, “A mulher de Bath” no qual o Belo se casou com a Fera, “O rei porco”, “O carneiro”, “Riquet e seu topete”.¹³

Em uma comparação mais específica entre as duas obras é possível perceber semelhanças e diferenças no que tangem aos personagens, ao tempo e ao espaço em que são construídas. A Fera é um personagem que permanece em ambas as construções, sendo abordada de maneira mais complexa na obra de Madame de Villeneuve, na qual sua vida pessoal, seu processo de formação e criação, a virtude, o incesto, o casamento com pessoas de idades diferentes e questões morais como a inveja, são subtemas que constroem o personagem:

“O rei meu pai morreu antes que eu viesse ao mundo. A Rainha não teria se consolado de sua perda se o apego que demonstrava pela criança que carregava no ventre não houvesse combatido sua dor. Meu nascimento foi para ela uma alegria imensa.(...)Os cuidados com minha educação e o medo de me perder ocuparam-na inteiramente. Nessa tarefa foi auxiliada por uma fada sua conhecida, que se empenhou em me preservar de todo tipo de acidentes.”¹⁴

Já na versão de Madame de Beaumont, a Fera pode ser compreendida como um complemento da protagonista Bela, que por meio da temática de casamentos arranjados, necessita aprender a compreender e “aceitar” as diferenças entre o casal, e a controlar o medo e as suas angústias de tornar-se mulher. Na obra de Madame de Villeneuve, a descrição da Fera a torna um co-protagonista, enriquecendo a narrativa e contribuindo para que temas diferentes sejam explorados na história, enquanto na obra de Madame de Beaumont a trajetória do monstro se descreve em apenas um parágrafo:

“Está a seus pés- disse o príncipe.- Uma fada má me condenou a viver sob aquela forma até que uma bela moça aceitasse me desposar. Além disso, me proibiu de usar a inteligência. Você foi a única pessoa no mundo a perceber a bondade do meu caráter. Mesmo lhe oferecendo a coroa, continuarei seu devedor.”¹⁵

De acordo com o escritor e tradutor Rodrigo Lacerda, a função da Fera em ambas as narrativas é situar a protagonista em contato com o fantástico/ monstruoso da vida e do amor, impondo um debate entre seus medos que a guiam em sua jornada do

¹³LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016..pp.10-13

¹⁴ BEAUMONT, M; VILLENEUVE, M. *A Bela e a Fera*. Tradução André Telles; apresentação Rodrigo Lacerda; [ilustração Walter Crane e outros].- 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2016.Pg. 166-167

¹⁵ BEAUMONT, M; VILLENEUVE, M. *A Bela e a Fera*. Tradução André Telles; apresentação Rodrigo Lacerda; [ilustração Walter Crane e outros].- 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2016.Pg.54.

matrimônio. Seus medos e angústias diante da monstruosidade da Fera são características sombrias do encontro da jovem com o sexo masculino.¹⁶

Além disso, a questão matrimonial é construída no conto de Madame de Beaumont a partir da virtude e da moral, na qual Bela, mesmo sem saber a real aparência da Fera, aprende a amá-lo por sua bondade e não por sua feição física, sendo a felicidade do casal oriunda da amizade e companheirismo por eles criado, todos os dias, durante três meses, nos encontros que possuíam às nove horas.

Ainda na obra popularmente conhecida, nenhuma das duas irmãs de Bela encontra a felicidade no casamento, sendo que a beleza e inteligência de seus maridos, não foram fatores suficientes para suprir o amor verdadeiro que possuía a Fera pela Bela, com toda sua bondade e benevolência. Logo o conto reforça seu caráter moralista que prega o respeito e o amor verdadeiro como bases para um relacionamento vindouro e feliz.

“Que maldade a minha”, disse consigo mesma, “fazer sofrer um animal tão generoso para mim! É culpa sua se é tão feio? E o que importa se carece de inteligência? Ele é bom, isso vale mais que todo o resto. Por que me recusei a me casar com ele? Eu seria muito mais feliz com ele do que minhas irmãs com seus maridos. Não é nem a beleza nem a inteligência do marido que faz a mulher feliz, são a bondade do caráter e a virtude(...)”.¹⁷

Já em sua versão original o casamento é retratado como um arranjo desconexo para a personagem principal, que se recusa a amar a Fera devido à sua aparência física e as diferenças discrepantes existentes entre eles. A pergunta que a Fera fazia a Bela todas as noites só a deixava mais irritada com a insistência e a não compreensão das diferenças gritantes entre a Bela e a Fera, levando-a a temer o uso da violência e da força pelo animal. Porém, em conformidade com a versão clássica, Bela não despreza as virtudes do monstro, sendo aconselhada em seus sonhos pelo príncipe (Fera) o qual diz amar:

“Pelos elogios insensatos que faz, julgo que deseja que eu me case com ele; me aconselharia a satisfaze-lo? perguntou Bela ao Desconhecido.- Ai de mim! Se por um lado ele é tão encantador quanto horrendo, você trancou o meu coração não só para ele, como para qualquer outro, e não me

¹⁶LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016..Pg. 24

¹⁷ BEAUMONT, M; VILLENEUVE, M. *A Bela e a Fera*. Tradução André Telles; apresentação Rodrigo Lacerda; [ilustração Walter Crane e outros].- 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2016.Pg.51

acanhado de confessar que não posso amar senão a ti. (...) – Ame quem a ama, não se deixe enganar pelas aparências e liberte-me da prisão.”¹⁸

Contudo, mesmo em suas inúmeras semelhanças referentes a fatores éticos e moralizantes como objetivo central de ambas as produções, a versão de Villeneuve transparece a insatisfação e a crítica de sua personagem principal no que tange ao casamento com a Fera, que lhe parece alheio por completo de sua realidade. Portanto, a aparência física é transformada em uma relação de hábito e costume em ambas as vertentes, uma vez que a bondade, o carinho, e as virtudes da Fera, elevam a trama rumo à valorização da beleza interior.

No que diz respeito aos personagens que compõe as obras, a versão clássica de Beaumont, por apresentar uma história mais sucinta, possui menos integrantes na composição de seu enredo, a começar pelos filhos do pai de Bela, que possuía três filhos e três filhas, ao contrário da história de Madame de Villeneuve em que o rico comerciante possuía seis filhos e seis filhas. Os integrantes do conto de 1756 são: a Bela, o pai, os três irmãos e as duas irmãs, a Fera e a fada que o transformou em fera e a “dama do sonho”, personificada como a “fada boa”.

Já na obra de Madame de Villeneuve os personagens são: a Bela, a Fera, o pai adotivo de Bela, seus seis filhos, cinco filhas, o rapaz do sonho, a “fada boa”, a “fada má”, a “fada que era a mãe de Bela”, o rei que era o pai legítimo de Bela, os pais do príncipe (Fera), as mulheres que tentam curar a sexta filha do pai adotivo.

Bela é representada por suas virtudes, porém diferentemente da versão clássica, é mais questionadora e resistente aos arranjos matrimoniais. No entanto, a personagem possui um desfecho no qual a moral e suas qualidades a direcionam a um caminho no qual o amor é conquistado, tal como na versão clássica. Já o pai e os irmãos de Bela são descritos com pouca frequência. As irmãs, porém, são adjetivadas pela inveja e pelas crueldades cometidas contra a caçula, sendo estas estratégias de coesão e coerência que ressaltam os valores de Bela.

Como visto anteriormente, na versão original a história da Fera é narrada de maneira mais detalhada e complexa, ocorrendo uma reviravolta no enredo de Bela, que ao final do livro descobrimos que estava destinada ao casamento com a Fera para fazê-

¹⁸ BEAUMONT, M; VILLENEUVE, M. *A Bela e a Fera*. Tradução André Telles; apresentação Rodrigo Lacerda; [ilustração Walter Crane e outros].- 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2016.pp. 117

lo então tornar-se novamente um príncipe. Seus pais também eram membros da nobreza e sua mãe era uma fada que cometeu o crime de se casar com um humano. O padrão de beleza em ambas as obras é simbolizado pela referência ao Deus do amor e pela inteligência, virtudes detidas por Bela junto a sua humildade que a tornava uma moça tão peculiar:

“A mais velha se casara com um jovem fidalgo, formoso como o deus do Amor, mas tão fascinado pela própria beleza que não pensava em outra coisa da manhã a noite. A segunda se casara com um homem de grande inteligência, mas que só a usava para azucrinar a todos, a começar pela mulher.”¹⁹

No âmbito familiar, os integrantes demonstram-se muito complexos na construção de Villeneuve. No entanto, foram construídas de maneira mais simples em sua versão clássica, sendo o comerciante o verdadeiro pai de Bela, enquanto virtudes como a ternura, a graça e o carinho compõem fatores cruciais para a construção do caráter moralizante da narrativa, objetivo crucial dos contos de fadas e dos romances animais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Idade Moderna abriu as portas para a sociedade entender os anseios femininos e pensar como uma mulher. Porém, a diversidade cultural expressa nas obras literárias transformaram as mentalidades produzidas pelas Guerras culturais, pois além do acesso à literatura elaborada por mulheres, a possibilidade de escritores forjarem em seus escritos uma “dupla voz”, analisada como inerente ao feminino, nos permite compreender aos poucos de que modo a misoginia era expressa na arte dos séculos XVII e XVIII. Nesse mesmo período é caracterizada a maior contribuição de escritoras à história da tradição francesa, sendo o julgamento literário feminino marcante, porém o espaço construído por meio de lutas agregou a elas a culpa pela disseminação do mau gosto e da maioria das mazelas no mundo das letras:

“Confrontados com a crescente proeminência e a qualidade de um gênero literário de invenção moderna, o romance, os Modernos o proclamam o gênero moderno *par excellence*. Em pouco tempo, os críticos estão tratando o romance como uma doença contagiosa, uma força perniciosa responsável pela difusão da ociosidade e pelo enfraquecimento da virtude cívica. (...), os críticos põem a culpa do final da civilização em mudanças na crítica literária,

¹⁹ BEAUMONT, M; VILLENEUVE, M. *A Bela e a Fera*. Tradução André Telles; apresentação Rodrigo Lacerda; [ilustração Walter Crane e outros].- 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2016.Pg.50

no público literário, e nas relativas grandezas ou baixeiras dos novos padrões culturais.”²⁰

O romance como gênero literário, ascendente do século XVIII, eleva suas escritoras e seu público ao patamar do declínio do bom gosto e das virtudes impressas na literatura masculina. Joan de Jean caracteriza o surgimento da indústria editorial e da cultura impressa a partir da frase de Furetière: “ Um autor dá suas obras ao público quando as imprime.” A partir desta sentença a autora caracteriza a democratização da leitura e de novos gêneros literários, pois a impressão tornava-se mais pública com rapidez. Com isso, o autor não criava espectadores de suas obras, mas simplesmente leitores, uma vez que em muitos países ocorreu à intervenção de censores da crítica literária a partir da sanção da Igreja e do Estado, visto a importância da literatura para a formação da opinião pública, capaz de impregnar as mentalidades (femininas e masculinas) de ideias impuras, bárbaras e desmoralizantes.

Além disso, a luta sexual tornou-se tão importante quanto à luta de classes para a democratização da leitura na França do final do século XVII. A exclusão de mulheres da literatura possibilitou o ávido anseio pela participação e exposição de ideias e junto à criação de um novo gênero, o romance, criando um público feminino e masculino, que podem agora compartilhar sentimentos, histórias, criar expectativas e libertar seus medos e desejos.

O romance de Madame de Villeneuve apresenta de forma clara as características de tal gênero literário com a presença de uma narrativa longa e de fatos decorrentes dos acontecimentos ligados aos principais personagens. As sequências dramáticas em torno do matrimônio entre a Bela e a Fera dão forma a um público crescente feminino que buscava por meio da literatura, compreender sentimentos reprimidos por uma época na qual a censura vigorava, a fim de alcançar os bons costumes delimitados por uma moral cristã através da sanção Estatal. Todavia, a obra também é marcada por lições de moral que visam ensinar as crianças a distinguirem a feiura física da feiura moral, valorizando mais o amor e a bondade em detrimento de superficialidades como a beleza e a inteligência.

²⁰ DeJEAN, Joan E. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*/Joan deJean; tradução de Zaida Maldonado.-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Pg.117

Inserir os autores e suas obras literárias no processo de historicidade, consiste em submetê-los a um processo de inquérito correspondente a complexas investigações e especulações que se tornam viáveis à discussão proposta. É claro que nem sempre as expectativas do “detetive” são atendidas, mas quando elaboradas de maneira coerente com os padrões de pesquisa históricos, conseguem, com isso, obter provas que constituem o núcleo das narrativas do discurso.²¹ Esta pesquisa não visa vislumbrar uma literatura que se distancia dos padrões, ou rompe com os modelos literários de sua época, mas analisar como que inserida em seu contexto histórico, compunha a existência de sujeitos que modificam estruturas dadas como homogêneas, por meio de denúncias e questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rodrigues Roosenbenrg. *Família Patriarcal e Nuclear: conceitos, características e transformações*. UFG/UCG, Goiania.2009

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito* (Tradução e notas Marcella Furtado). São Paulo: Editora Landmark, 2012.

BEAUMONT, M; VILLENEUVE, M. *A Bela e a Fera*. Tradução André Telles; apresentação Rodrigo Lacerda;[ilustração Walter Crane e outros].- 1. ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BEAUMONT, Mme Leprince de. *La Belle et la Bête et autres contes*. Paris: Éd. Larousse, 2011. (Coleção Petits classiques, 165)

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.pp 63

HOUBRE, Gabrielle. *Como a literatura chega às jovens. - França, primeira metade do século. XIX*. In Tempo. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. - Vol. 5, n.º 9, Jul. 2000 - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

DeJEAN, Joan E. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*/Joan deJean; tradução de Zaida Maldonado.-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

²¹ GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.pp 63

LIEBEL, Silvia. *Ingratas e pérfidas Medeias! Infanticídio e normatização da sexualidade feminina na literatura de rua francesa dos séculos XVI e XVII*. Topoi .Rio J. 2015, vol.16, n.30, pp.182-202.

LACERDA, Rodrigo. *A Bela e a Fera: Fontes e versões de uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PERROT, Michele. *Minha história de mulheres* (tradução Angela M. S. Côrrea). – São Paulo: Contexto, 2007

TODOROV, Tzvetan. *Introdução á literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992